

FICÇÕES DE SI: UM OLHAR SOBRE *MARCAS DE NASCENÇA*, DE NANCY HUSTON.

FICTION OF THE SELF: A GLANCE AT NANCY HUSTON'S *MARCAS DE NASCENÇA*

Wellington Freire Machado¹

RESUMO: O presente ensaio analisa duas obras da escritora canadense Nancy Huston: *Marcas de nascença* e *A espécie fabuladora*. A ideia principal é subsidiar a leitura da primeira com base nas reflexões suscitadas pela segunda obra, sobretudo no que diz respeito ao aspecto relativo a temas, tais como o Sentido e a (re)invenção de si próprio. A relevância destes conceitos efetivar-se-á em uma imersão no universo dos quatro personagens principais do romance *Marcas de nascença*: Sol, Randall, Sadie e Kristina. O ensaio centra-se em buscar a essência do Sentido na vida de cada um desses personagens, sempre considerando dois aspectos vitais e indiscrimináveis: o tempo e o espaço em cada um deles. Para tanto, a medida do oportuno, considerar-se-ão conceitos de literatura e cultura, tais como o conceito de Americanidade, bem como os de Americanização, Identidade, Ficção e Reconhecimento. Assim, o presente ensaio divide-se em duas partes. A primeira auspícia-se na ideia *matter* expressa por Huston em *A Espécie fabuladora* — a da busca incessante pelo Sentido que culmina na moldagem de identidades — para buscar compreender desde essa ótica a ocorrência de certos fenômenos culturais dos quais são frutos alguns personagens de *Marcas de Nascença*. Já a segunda, observará cada um dos quatro personagens principais e reforçará a ideia inicial sugerida (a de que os personagens do livro são partes constituintes de uma matriz comportamental vital para a existência humana), unindo então as pontas dos dois temas desenvolvidos: o das marcas de nascença transmitidas através de quatro gerações e a forma como estas marcas se registram ao longo de cinquenta e seis anos de história.

PALAVRAS-CHAVE: Nancy Huston; Americanidade; Identidade;

ABSTRACT: This paper analyzes two works of the canadian writer Nancy Huston: *Marcas de nascença* and *A espécie fabuladora*. The main idea is to support the reading of the former work based on the reflections raised by the latter, especially regarding the aspect concerning issues such as the Meaning and the (re) invention of the self. The relevance of these concepts will be effective in an immersion in the universe of the four main characters of the novel *Marcas de nascença*: Sun, Randall, Sadie and Kristina. The paper focuses on seeking the essence of Meaning in the life of each one of these characters, always considering two vital and non-discernible aspects: time and space in each of them. Therefore, literature and culture concepts will be considered such as the concept of Americanness as well as the Americanization, Identity, Fiction and Recognition. Thus, this essay is divided into two parts. The first one envisions the idea *matter* expressed by Huston in *A espécie fabuladora* - the ceaseless quest for Meaning culminating in identity shaping – in order to seek understanding

¹ Doutorando em História da Literatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atualmente é professor de Literatura Hispano-americana e Literatura Espanhola na mesma instituição.

from this point of view the occurrence of certain cultural phenomena of which some characters from *Marcas de nascença* are an expression. The second part observes each of the four main characters and strengthens the suggested initial idea (that the book's characters are constituent parts of a behavioral matrix vital to human existence), then filling the gaps of the two themes developed: the birthmarks transmitted throughout four generations and how these marks are recorded over fifty-six years of history.

KEYWORDS: Nancy Huston; Americanness; Identity;

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que seria da experiência humana sem o sentido e a ficção?

Os conflitos existenciais de quatro gerações da mesma família e uma marca de nascença em comum. Com destreza poética e atenção aos detalhes da história de cada um de seus personagens, Nancy Huston percorre meio século para narrar os conflitos íntimos de Sol, Randhall, Sadie e Kristina. Ao longo da história de *Marcas de Nascença* (2008), os personagens buscam algo tão íntimo que a busca torna-se o grande tema das três histórias entrelaçadas. Pautando-se na análise de cada um destes personagens, o presente artigo analisa, além do romance de Huston, também o ensaio *A Espécie Fabuladora* (2010), da mesma autora. A análise do romance é subsidiada pela leitura do ensaio, sobretudo no que diz respeito ao Sentido na vida dos personagens e a (re)invenção de si próprio.

Assim, relativo a organização, este artigo divide-se em duas partes. A primeira auspacia-se na ideia *matter* expressa por Huston em *A Espécie Fabuladora* — a da busca incessante pelo Sentido que culmina na moldagem de identidades — para buscar compreender a partir dessa ótica a ocorrência de fenômenos culturais dos quais são frutos os personagens principais de *Marcas de Nascença*. Já a segunda parte, baseia-se na observação de cada um dos quatro personagens principais e reforça a ideia inicial sugerida (a de que os personagens do livro são partes constituintes de uma matriz comportamental vital para a existência humana), unindo então as pontas dos dois temas desenvolvidos: o das marcas de nascença transmitidas através de quatro gerações e a forma como estas marcas se registram ao longo de cinquenta e seis anos de história.

1. A ESPÉCIE QUE FABULA

Estamos psicicamente nus, despidos de qualquer halo religioso, estético ou moral, e de véus sentimentais, devolvidos à nossa vontade e energia individuais, forçados a explorar aos demais e a nós mesmos para sobreviver; e mesmo assim, a despeito de tudo, reunidos pelas mesmas forças que nos separam, vagamente cômicos de tudo o que poderemos realizar juntos, prontos a nos distendermos na direção de novas possibilidades humanas, a desenvolver identidades e fronteiras comuns que podem ajudar-nos a manter-nos juntos, enquanto o selvagem ar moderno explode em calor e frio através de todos nós. Marshall Berman, 1986, p.124-125.

Em *A espécie fabuladora*, Huston apresenta o livro com uma inquietante anedota pessoal. A autora relembra que, após uma sessão de atividades em um dos encontros do clube de leitura da unidade prisional de Fleury-Mérogis, uma presidiária — que até então se mostrava completamente calada — levanta a cabeça e inquirir a autora: "Para que inventar histórias quando a realidade já é tão extraordinária?" (HUSTON, 2010, p.13). Chocada com a pergunta inesperada, Huston relata manter-se calada após pensar que esta mulher supostamente teria matado alguém: "Essa mulher está prostrada, ela matou alguém, eu não, todos os meus assassinatos estão nos meus romances". (HUSTON, 2010, p.13). O silêncio da autora se prolonga de tal maneira que ela chega à conclusão de que não há resposta a ser dada, visto que todas encontráveis no paradigma de sua tela mental revelam-se completamente insuficientes. Eis então que a autora, por fim, revela que necessita urgente de uma resposta. Nas entrelinhas, é possível entender que o livro que o leitor possui em mãos não é nada mais do que uma tentativa de responder a pergunta da presidiária.

Assim, logo no primeiro capítulo, intitulado "Nascimento do sentido", Huston reafirma de forma categórica a condição animal do homem: "Somos animais. Mamíferos, primatas, supersuperiores, etc. Sem mais razões do que outras espécies para estar no planeta Terra" (HUSTON, 2010, p.17). Esta constatação é o ponto de partida em direção a uma das teses que sustentam sua reflexão filosófica: apesar de sermos animais, somos seres capazes de responder porquês. De acordo com Huston, essa é a nossa especialidade, bem como comum prerrogativa, mania, glória e queda:

Por que o por quê? De onde ele vem?
 O por quê surge do tempo.
 E o tempo, de onde ele vem?
 De fato de que só os humanos, entre todos os seres vivos da Terra, sabem que nasceram e que vão morrer (HUSTON, 2010, p.17).

Atingir este nível de abstração, o de compreender que a vida começa com o nascimento e termina com a morte, é reconhecer que estes dois saberes nos dão aquilo que os chimpanzés e bonobos — espécies que seriam nossos parentes mais próximos, de acordo com a autora — não têm: a intuição do que é uma vida inteira. Assim, compreender a nossa trajetória neste mundo como um percurso dotado de sentido (significação e direção), é uma das particularidades da espécie humana. A autora retoma a experiência bíblica, na qual a história da humanidade começa a partir da palavra: No princípio era o verbo. De acordo com Huston, é a ação dotada de sentido que marca o começo da nossa espécie. É a narrativa que confere à nossa vida uma dimensão de sentido que os outros animais ignoram. Considerando essa premissa, Huston passa a referir-se ao termo sentido com letra inicial maiúscula, visto que o Sentido humano se distingue do sentido animal pelo fato de que ele se constrói a partir da "narrativa, de histórias, de ficções" (HUSTON, 2010, p.18).

Na condição de humanos, só podemos compreender o vazio (e o silêncio) do universo através de narrativas, através das ficções:

Para nós, não basta registrar, construir, deduzir o sentido dos acontecimentos que se produzem em torno de nós. Não: precisamos que esse sentido se desdobre — e o que faz com que ele se desdobre não é a linguagem, mas a narrativa. É por isso que todos os humanos elaboram formas de marcar o tempo (rituais, datas, calendários, festas sazonais, etc.) — marcação que é indispensável para a eclosão das narrativas (HUSTON, 2010, p.18-19).

Neste capítulo do livro a autora traça um breve paralelo entre o comportamento animal e o humano: ela expõe uma situação hipotética, na qual um grupo de antílopes chega a um leito de um rio que secou. Eles buscam água em outro lugar ou morrem de fome. De forma distinta, os humanos igualmente buscam água em outro lugar, mas antes de morrer de sede, eles interpretam: "Rezam, dançam, buscam culpados, lançam-se em rituais de propiciação para convencer os espíritos a mandarem chuva..." (p.19). A busca por sentido de ordem variada através da criação de deuses, demônios, forças invisíveis e interpretações múltiplas, ao que tudo indica parece ser uma das forças imanescentes à essência humana, visto que — do homem primitivo ao homem contemporâneo — a criação de ficções é uma das principais causas de morte e sobrevivência.

Para provar sua tese, Huston toca em questões consideradas tabus em meios massivos, tais como a ideia comum de Deus e de identidade pessoal:

Deus que nomeia os primeiros homens etc. é uma ficção. Não somos Sua criação, Ele é a nossa. Deus não pode existir em outros lugares a não ser nas nossas histórias. Para ser Deus seria necessário falar e para falar seria necessária uma língua e para ter uma língua seria preciso fazer parte da história humana. Deus e os deuses fazem de fato parte dessa história - mesmo que se recusem sistematicamente a admiti-lo. O seu nome, leitor, também é uma ficção. Poderia ter sido outro. Você pode mudá-lo. As mulheres mudam frequentemente de nome. Ao casarem, elas passam de uma ficção para outra (HUSTON, 2010, p.20).

Partindo desse princípio, Huston descortina aos olhos do leitor uma série de ficções cotidianas, entre elas o valor que os homens atribuem ao dinheiro, que na verdade são apenas pedaços de papéis que não valem mais que ouro. Nesse sentido, a autora acrescenta que o ouro também é ficção e que de nenhuma maneira vale mais do que areia. Esse poder "mágico" do ser humano faz com que ele seja um alquimista por excelência, capaz de transformar tudo em dinheiro e em ouro. A atribuição de sentido, ou o Sentido em si, é a droga mais pesada. Huston afirma ainda que sob a forma de ideal político ou religioso, essa droga não é somente pesada, mas pura: "Para obtê-la, alguns chegarão a matar pai e mãe, ou inclusive a sacrificar a própria vida" (HUSTON, 2010, p.21).

Essa reflexão inicial condiciona a um dos pilares que sustentam este ensaio: a questão da ficcionalização de si, ponto tocante aos personagens de *Marcas de Nascimento*. Quando a autora se questiona sobre a razão que agrega a entrada do *Homo sapiens* no tempo, no Sentido, ela chega à conclusão de que a resposta é aquilo que os macacos não têm: o ego. Partindo da premissa de que há um eu, e que este eu é um constructo, Huston conclui sem delongas que o Eu é uma ficção: "Penetrando no nosso cérebro, as ficções o formam e o transformam. Mais do que nós as fabricamos, elas nos fabricam — arranjam para cada um de nós, ao longo dos nossos anos de vida, um ego" (HUSTON, 2010, p.23).

A autora afirma ainda que o ser humano não nasce alguém, mas sim passa a sê-lo. Nesse sentido, o eu seria nada mais do que uma construção "custosamente elaborada" (HUSTON, 2010, p.23). Assim, para dispor de um ego é necessário, sobretudo, saber fabular:

[...] Depois, comodamente, no esquecemos disso, mas foi preciso tempo e muita ajuda para nos tornarmos alguém. Foi preciso camadas, camadas e camadas de impressões compiladas em histórias. Canções. Contos de fadas. Exclamações. Gestos. Regras. Socialização. Limpo. Sujo. Não diga isso. Não faça aquilo. Bing, bang, bong. [...] Tornar-se um eu – ou melhor, confeccionar-se um ego – é ativar, a partir de um dado contexto familiar e cultural, sempre particular, o mecanismo da narração (HUSTON, 2010, p.23).

Nessa reflexão, entra o tema da memória e o quão ficcional elas possam vir a ser: "Você fabula inocentemente. Lançando mão dos mesmos procedimentos empregados pelos romancistas, você cria a ficção da sua vida." (HUSTON, 2010, p.24). Na vida de cada um dos personagens de *Marca de Nascimento*, como se verá mais adiante, é possível perceber um olhar retroativo sobre uma linha cronológica, que ultrapassa quatro gerações, cada qual com suas ficções (de uma escala macro até micro e idiosincrasias).

*

Pensar a confecção e lapidação de um Ego, de acordo com Huston, é reconhecer que as primeiras ficções de nossa vida são o nome e o sobrenome que carregamos: "O meu nome? É a primeira ficção. Assim como o romancista faz com o nome dos seus protagonistas, os pais (autores dos nossos dias) hesitam, por vezes, até o último minuto em relação ao nome que vão dar à criança" (HUSTON, 2010, p.30). Dessa forma, após o nome ser dado, ele se torna realidade (neste aspecto mais uma afirmativa que reforça o caráter mágico-poderoso da espécie humana). Huston ressalva que nós não temos um nome, mas sim recebemos um nome que antes de cair sobre nós foi preenchido de sentido².

Antes, pertencia a um santo, a um antepassado, à dedicatória de uma canção famosa, a um personagem de romance ou de ópera ou de uma série de televisão... Por definição, nos vêm de outro lugar, de antes, de um(a) outro(a). Entramos na vida por um laço do passado. Os pais não têm o direito de inventar totalmente o nome dos filhos. Meus pais não poderiam me chamar Bzyingak. O nome é um excelente exemplo do arbitrário que se transforma em necessidade, da ficção que molda o real (HUSTON, 2010, p.31).

Nancy relembra que seu nome origina-se do de sua avó, que descendeu do de outra mulher, e assim de forma infinita. A autora relembra também que o sobrenome Huston possui origem Irlandesa e refere-se diretamente a ortografia provável: Hugh's Town, a cidade de Hugo: "O que esse maldito Hugo de outros tempos significa para mim para que eu deva me chamar como ele desde o dia do meu nascimento até o dia de minha morte"(HUSTON, 2010, p.33).

Ao longo do ensaio a autora ainda discorre sobre a ficcionalidade da data de nascimento e de forma irônica se questiona "Se eu conseguir salvar a humanidade, talvez digam um dia que Jesus nasceu em 1953 a. N.H" (HUSTON, 2010, p.33). Huston discorre

² Sol (estrela central do sistema solar) / Sadie (De Sadness — em inglês — / tristeza, melancolia OU Princesa em hebraico, diminutivo de Sarah) / Randall (Conselheiro) / Kristina (Ungida por Deus) / Erra (Pode advir de Error em inglês, erro, engano).

ainda sobre o local de nascimento (e a rede de ficção que envolve todos os nomes próprios de países, continentes, planeta e galáxia), e, além disso, toca fundo em um tema sensível:

Em outras partes do mundo, no Oriente Médio, por exemplo, as pessoas matam-se todos os dias por esse tipo de decisão.
 "Meus ancestrais viveram aqui há cinquenta anos."
 "É, mas os meus viveram aqui há 2 mil anos."
 "Segundo o cadastro de Abraão, temos direito de viver aqui."
 "Quanto a nós, o nosso Deus decretou que este país era nosso."
 (HUSTON, 2010, p.35).

Essas ficções, de matriz religiosa-nacionalista, são de vital importância para os personagens da última geração de *Marcas de nascença*. Nesse sentido, uma das reflexões presentes sobre a genealogia possui valor singular. Ao discorrer sobre a genealogia, Huston vai mais além e afirma que não somos filhos de nossos pais simplesmente porque carregamos o seu DNA. A relação de parentesco, para a autora, diz respeito essencialmente ao fato de os pais terem sido as primeiras pessoas a falarem conosco: "Graças a eles, ouvi e armazenei histórias sobre a minha família, sobre a minha descendência - histórias que penetraram na profundidade da minha consciência e fizeram de mim o que sou" (HUSTON, 2010, p.37). Assim, seguindo essa linha de pensamento, ela aporta em um dos temas de relevância ímpar no contexto da infância do personagem Randall de *Marcas de nascença*: a religião e a pertença étnica. De acordo com a autora, as religiões são uma das principais fontes de enredos que ligam as pessoas entre si.

Se recordamos a passagem na qual Randall vê seus laços de amizade com uma jovem palestina serem desfeitos por razões muito além de ambos, compreenderemos como certas relações inter-humanas possuem influência nos valores culturais e comportamentais dos povos. Sobre a pureza de sangue, Huston afirma que essa é uma das ficções mais perniciosas que existem:

A minha pele é o que, por uma aproximação duvidosa que costumam chamar de branca. Então, queira ou não queira, a minha história está indissociavelmente ligada à dos brancos do mundo inteiro. Sentirei isso na pele, de modo desagradável e na mais total impotência, cada vez que eu for passear no Harlem (Estados Unidos) ou no Diamant (Martinica) ou em Johannesburgo (África do Sul) (HUSTON, 2010, p.38).

No capítulo III, sobre John Smith — um homem fictício, mas completamente plausível — compreendemos como funciona a vida de uma pessoa que vive completamente em função das ficções impostas pela sociedade sem se dar conta disso. Impossível lançar um olhar sobre este homem e não recordar, por exemplo, do personagem Randall de *Marcas de nascença*.

Randall é um homem tipicamente comum, tal como o sr. Smith de *A espécie fabuladora*, ainda que em proporções menores: "[...] um homem eminentemente comum, um homem cuja existência era feita quase que exclusivamente de ficções e que não tinha a menor desconfiança disso" (HUSTON, 2010, p.48).

Certas ficções são tão importantes que o único alento ou forma de compreensão é transpor a responsabilidade para terceiros. É o caso das tribos primitivas: "Os humanos interpretam tudo, e uma das suas interpretações favoritas é a seguinte: se tenho um problema é porque alguém desejou o meu mal" (HUSTON, 2010, p.66). A autora relembra que a América (Estados Unidos da América) pós-11 de setembro se comportou como uma tribo primitiva: "Quem lançou o feitiço contra mim? [...] Sentindo-se ameaçados, os americanos mostraram-se convencidos de estarem no caminho verdadeiro quando empreenderam uma custosa e complexa cerimônia militar que nada tinha a ver com os atentados em questão" (HUSTON, 2010, p.66).

Na esteira dessa discussão, é importante considerar o conceito de Identidade. De acordo com Eurídice Figueiredo e Jovita Noronha em ensaio intitulado "Identidade Nacional e Identidade Cultural", a identidade estaria estreitamente vinculada à ideia de Reconhecimento. As referidas autoras valem-se das reflexões do teórico francês Charles Taylor na orientação de suas reflexões. É Taylor quem associa a ideia de identidade à de reconhecimento pela primeira vez:

[Ela] designa algo que se assemelha à percepção que as pessoas têm de si mesmas e das características fundamentais que as definem como seres humanos. A tese é que nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela ausência dele, ou ainda pela má percepção que os outros têm dela [...]. O não-reconhecimento ou o reconhecimento inadequado pode prejudicar e constituir uma forma de opressão, aprisionando certas pessoas em um modo de ser falso, deformado ou reduzido (TAYLOR, 1994, p.41-42 apud FIGUEIREDO e NORONHA, 2012, p.189).

Antes de prosseguir é importante advertir que o conceito de identidade de Taylor pode incorporar diferentes significados ao ser considerado em contextos distintos e múltiplos. Para este ensaio interessa relacionar a acepção exposta por Taylor ao conceito de Sentido e Ficcionalização de si.

Ainda sobre ficções construtoras de identidade, é importante lembrar dois conceitos vitais nesta linha de pensamento: Americanidade e Americanização. Zilá Bernd, em ensaio intitulado "Americanidade e Americanização", propõe uma reflexão sobre ambos termos. A autora recorda que o termo "americanizado" é referente à semelhança com os americanos dos

Estados Unidos, enquanto que "americanização" é o efeito de americanizar-se, de querer tornar-se semelhante aos cidadãos dos EUA: "A ambiguidade vem do fato desses cidadãos não se nomearem estadunidenses, mas americanos, num processo metonímico hipervalorizante" (BERND, 2012, p.15). Essa apropriação indevida do termo Americano gerou reflexões de modo que na atualidade o termo Americanidade vem sendo utilizado como marca identitária sobretudo dos latino-americanos.³

Assim, ao considerar o *American way of life* — estilo de vida americano de importância vital para o processo de Americanização — no contexto interno dos EUA, é indispensável relembrar o conceito de identidade e reconhecimento tão bem mostrados por Taylor. Reconhecer-se como americano é admitir um espectro de possibilidades e traços característicos na identidade e no estilo de vida dos moradores dos Estados Unidos da América. Quando Nancy Huston menciona que a "América" pós-11 de setembro comportou-se como uma tribo primitiva que busca incessantemente os responsáveis por ter lançado o feitiço, Huston nos faz pensar, sobretudo, nas terríveis consequências de quando essas identidades fixas se sentem ameaçadas. Logo, considerar as ideias de reconhecimento identitário, de ficção e de Americanização nos leva diretamente ao primeiro personagem do romance *Marcas de Nascimento: Sol*, um legítimo estadunidense dos anos 2000.

2. MARCAS DE NASCENÇA

O tema da identidade no contexto dos personagens de *Marcas de Nascimento* é um dos grandes pontos luminosos do romance de Nancy Huston. Todos os personagens possuem a marca identitária como um filtro que os permite ver o mundo de uma maneira bastante singular. O livro é composto por quatro capítulos (I - Sol, II - Randall, III - Sadie, IV - Kristina), nos quais o eixo central corresponde à infância do personagem que o intitula. O primeiro deles é Sol (filho de Randall, neto de Sadie e bisneto de Kristina/Erra).

2.1 Sol

³ Ver introdução do livro *Conceitos de Literatura e Cultura*, quando a organizadora elucida conceitos tais como mestiçagem, transculturação, multiculturalismo, americanidade e outros. FIGUEIREDO. Eurídice. Introdução. In: FIGUEIREDO. Eurídice. *Conceitos de Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, EdUFF, 2012.

Ao observar o primeiro capítulo do romance selecionado é possível perceber como a ficção das identidades se constitui desde os primeiros anos de vida de um sujeito. Sol é um personagem ficcional completamente plausível. A autora logra mimetizar não apenas um jovem de seis anos, mas também o todo de seu entorno, como a relação com os pais, a pseudo superproteção parental nos dias atuais e também a relação cada vez mais prematura dos jovens com o mundo digital.

Sol, como o próprio nome sugere, é o filho único de um jovem casal estadunidense de classe média. Apesar da idade prematura, o jovem tem consciência de sua condição de exclusividade no seio familiar: "Sol, Solly Solomon. Sou uma onda de luz instantânea invisível e todo-poderosa que se espalha pelos cantos mais sombrios do universo sem a menor dificuldade capaz, aos seis anos, de tudo ver, tudo iluminar tudo compreender" (HUSTON, 2008, p.15).

A primeira aparição do personagem denota a forma como este jovem se posiciona em relação ao mundo do qual faz parte. Este mundo se restringe inicialmente a atmosfera familiar, local onde Sol constitui desde muito cedo uma cosmovisão unilateral:

Em um piscar de olhos estou de rosto lavado e vestido, a minha cama está feita. As minhas meias e a minha cueca de ontem estão no cesto de roupas sujas e, durante a semana, elas serão lavadas, secas, passadas e dobradas pela minha mãe, depois guardadas na prateleira da minha cômoda, prontas para serem usadas novamente. O nome disso é ciclo. Todos os ciclos devem ser controlados e supervisionados, como, por exemplo o da minha alimentação. Os alimentos circulam pelo nosso corpo e se transformam dentro dele, então temos que prestar muita atenção no que deixamos entrar na gente e no que deve permanecer do lado de fora (HUSTON, 2008, p.14).

Ao longo do capítulo, o mundo do personagem passa a constituir-se a partir do relacionamento com outras pessoas. Sol convive ainda com colegas de aula, frequenta a igreja com os pais e também em algumas passagens do romance desfruta da companhia da avó e da bisavó paterna e também dos avós maternos. Apesar de todo o cuidado da mãe Tess, Sol possui uma vida mental bastante oposta àquilo que os pais imaginam e pensam do filho. O jovem, por exemplo, adora ver *online* cenas de estupro e de assassinatos: "[...] descobri por acaso procurando no Google imagens da guerra do Iraque, dá pra ver centenas de meninas e mulheres sendo violenta e gratuitamente estupradas" (HUSTON, 2008, p.10). Estes momentos geralmente ocorrem quando Sol não está na presença dos pais, o que lhe garante liberdade para buscar o conteúdo que bem entende. Esse contato autônomo com o mundo externo faz com que Sol tenha acesso a conteúdos inapropriados para sua idade: "[...] Além de transar

com elas pela boca, pela vagina ou pelo ânus, os homens ameaçam cortar os mamilos delas com um estilete" (HUSTON, 2008, p.10).

Ao mostrar um Sol que desde muito cedo aprende a usar a máscara correta diante dos pais, Huston deixa implícita a crítica à sociedade do politicamente correto. Tess, a mãe de Sol, é uma dona-de-casa que ocupa suas horas dedicando-se a fazer cursos de como educar o filho, cursos de equilíbrio mental e estruturação psicológica. Em um dado momento, Erra, a bisavó de Sol, ironiza os cuidados excessivos de Tess para com o filho:

Com relação ao Solly — ela diz depois de um tempo —, eu queria ter comprado um presente para ele antes de sair de Nova York. Passei uma hora bastante divertida revirando uma loja de brinquedos da 44th Street... Eu não parava de pensar na obsessão da Tess por segurança, então eu pensava: ok, vejamos, esse guindaste é magnífico, mas o Sol poderia engolir o gancho que poderia ficar preso nos seus intestinos e provocaria uma hemorragia interna. Ah! Veja só, um laboratório de química, mas há um monte de coisas inflamáveis e explosivas e que poderiam envenená-lo... Deixa para lá, mas, vejamos, esse trem elétrico parece muito legal... mas o Sol poderia se electrocutar por descuido... Hummm... Um brinquedo depois do outro se transformava em arma mortal, ávida para atacar e destruir meu bisneto. Então eu acabei desistindo e cheguei de mãos vazias (HUSTON, 2008, p.41).

Nesse sentido, o excesso de cuidado de Tess para com o filho se anula ao passo que o jovem se transforma exatamente no oposto daquilo que Tess aspira. Em outras passagens da obra é possível conceber que a superproteção é a principal causa do caráter potencialmente psicótico desenvolvido desde os primeiros anos de vida do garoto. Em determinado momento do primeiro capítulo, por exemplo, Sol relata ter feito um escândalo quando seu avô materno lhe deu três palmadas. Após fazer com que a mãe ficasse completamente indisposta com seu pai, o sr. Williams, Sol receberia a confirmação de seu poder somente quando o avô viria a pedir desculpas a Tess: "Acho que a mamãe não dirigiu a palavra ao seu pai até que ele lhe escreveu uma carta pedindo desculpas, jurando solenemente que nunca mais iria me bater. SOU PODEROSO." ((HUSTON, 2008, p.31).

Afora as adaptações feitas na casa para que Sol não se machucasse, Tess também é extremamente assentiva em relação a alimentação do filho. Ele faz o que bem entende e não possui limites, tudo em função de uma causa *matter*: não se tornar uma pessoa traumatizada. Este primeiro capítulo sinaliza para uma crítica geral à sociedade estadunidense e a atual formação identitária do seu povo. Além dos cuidados excessivos dos pais — em especial da mãe, típica cidadã deste país —, Huston também acrescenta à família características que a tornam uma espécie de metonímia de uma totalidade mais ampla. Por exemplo, a família de

Randall e Tessie pratica o protestantismo, religião disseminada por toda a sociedade dos Estados Unidos da América. Ainda no primeiro capítulo, em uma das reflexões de Sol, ele chega à conclusão de que sua família materna é pobre por pertencer ao catolicismo, religião que proíbe a prevenção à gravidez. Nesse sentido, é reforçado o papel da religião na formação de uma sociedade, pois Sol conclui que sua família possui dois carros porque seus pais aderiram à religião protestante, cuja dogmática aprova e incentiva o planejamento familiar.

Ganha um salário excelente, graças ao qual somos uma família que tem dois carros - "Temos mais carros do que filhos!", eles dizem brincando de vez em quando, porque a mamãe vem de uma família com seis filhos e só um carro! A sua família era católica, o que quer dizer que a minha avó não podia fazer um planejamento familiar, então ela continuou a ter filhos até que eles ficaram realmente na pobreza, e então ela parou de ter filhos. Já o meu pai teve uma educação meio que judaica, daí quando a mamãe e ele se apaixonaram, decidiram fazer concessões mútuas e acabaram optando pela igreja protestante, o que lhes dá direito ao planejamento familiar (HUSTON, 2008, p.19).

Assim, é possível perceber a importância da junção da religião com família na constituição da sociedade estadunidense⁴. Além disso, o reforço do nacionalismo exacerbado também é ingrediente indispensável na concepção de mundo dos cidadãos. A respeito disso, é importante relembrar o sentimento de compromisso que possui Randall para o seu país, o sonho de auxiliar as Tropas na guerra do Iraque e a forma como hostiliza o inimigo latente (os árabes).

Logo, a consciência prematura de Sol, de que vive no melhor e mais rico país do mundo, é algo perceptível ainda nos primeiros momentos do romance de Huston. "Sei que ele (Deus) tem grandes projetos para mim, senão não teria me feito nascer no estado mais rico do país mais rico do mundo, dotado do sistema de armamento mais extraordinário, capaz de aniquilar a espécie humana num piscar de olhos" ((HUSTON, 2008, p.16). A reflexão da autora em *A espécie fabuladora*, no que tange às ficções cotidianas, se consolida neste retrato metonímico que é *Marcas de Nascimento*. Se em Sol percebemos o extremo das ficções cotidianas existentes na contemporaneidade, nos demais protagonistas, o que se percebe, contudo, são formas alternativas que os mesmos encontraram para experienciar suas ficções, estando este processo diretamente atrelado à mentalidade e ao tempo histórico nos quais eles viveram.

⁴ E conseqüentemente da afirmação de si próprio a partir da negação do outro: "Somos prósperos porque não somos católicos"

2.2 Randall

Filho de Sadie e Aron, Randall é uma típica criança dos anos 80. Ao se ler o primeiro capítulo, é perceptível a mudança de tom no discurso do personagem (se comparado com o egocentrismo de Sol, no primeiro capítulo). Randall está voltado desde cedo para questões filosófico-existenciais, racionalizando ciclos e aspectos da natureza de maneira bastante consciente: "Nesta primavera entendi pela primeira vez a duração de um ano. Quando as folhas começaram a brotar das árvores, lembrei muito de como elas brotaram na primavera passada e pensei comigo: Então um ano é isso" (HUSTON, 2008, p.79). Assim, desde muito cedo Randall está voltado para questões condizentes à sua idade. Em dado momento o garoto narra que prefere brincar a fazer qualquer outra atividade "porque brincando você pode esquecer completamente tudo. No resto do tempo, você sempre precisa ficar se perguntando se está fazendo tudo certinho" (HUSTON, 2008, p.80). Randall não faz ideia, mas sua vida é regida por múltiplas ficções que virão a constituir sua visão de mundo. Neste capítulo percebemos a obsessão e a frieza de sua mãe, Sadie.

Quanto à Sadie é uma mulher calcinada pelas experiências de sua própria infância, ela razão pela qual age com dureza e objetividade em assuntos como a maternidade e a profissão. No que tange a este aspecto, Huston nos apresenta um personagem que, ao contrário da maioria das pessoas comuns, escolhe conscientemente uma ficção para viver: decide aderir ao judaísmo e adotá-lo como religião. Sadie é casada com Aron, judeu nato que pouco liga para as tradições judaicas. Ao aderir ao judaísmo, Sadie condiciona toda a família a essa escolha.

Devido às ocupações profissionais da mãe (Sadie se dedica a uma tese de doutoramento e a investigar o passado de sua mãe, Erra), Randall convive e desfruta da companhia do pai grande parte do tempo. Aron é um dramaturgo, que trabalha sem obter nenhum sucesso. Quando a família de Sadie vai viver em Israel, Randall vivencia uma das situações mais difíceis para uma criança aceitar: a consciência plena da interferência das ficções cotidianas na sua realidade tangível.

Em *A Espécie fabuladora*, ao discorrer sobre os papéis que desempenhamos na vida, Huston afirma que

A especificidade da nossa espécie é que ela passa a vida toda representando a sua vida. Os papéis que nos propõem serão mais ou menos diversos, mais ou menos fixos, de acordo com a sociedade em que nascemos. Mostrarão para a gente como fazer para desempenhar esses papéis. nos ensinarão a imitar modelos e a assimilar as narrativas que dizem respeito a eles. A identidade é

construída graças à identificação. O ego é urdido a partir de outros. Sim: todos nós precisamos de companhia (HUSTON, 2010, p.114).

Neste capítulo acontece exatamente isto: uma fixação de identidades. As circunstâncias perguntam a Randall: Quem você é? De qual lado está? Essas perguntas surgem a partir do momento em que Randall conhece Nouzha, jovem árabe que tem para si bem clara a ideia de identidade, algo que parece nada esclarecido na cabeça do jovem estadunidense. Randall não faz ideia do que significa o fato de ter nascido nos Estados Unidos da América e de pertencer a uma família de origem judaica. Sendo pouco tempo mais velha que Randall, Nouzha inicialmente permite que o jovem americano se aproxime dela, até que, por fim, as marcas identitárias se sobrepõem a essa relação. Ao longo dessa curta amizade, Nouzha questiona Randall sobre sua identidade, colocando-o em situação que ele próprio não consegue entender:

- Aposto que você nem sabe em que país você está vivendo. O verdadeiro nome deste país é Palestina. Sou árabe da Palestina, é o meu país. Os estrangeiros aqui são os judeus.
- Achei... que era...
- Os judeus invadiram. Você é judeu e nem conhece a história do seu próprio povo?
- Oh, não sou tão judeu assim - respondo, notando com angústia que já estamos no último lances de escada.
- Como assim não é judeu?
- É que minha mãe não é judia de nascimento e a minha família não respeita muito as festas judaicas.
- De todo modo, os Estados Unidos estão do lado dos judeus.
- Pois eu não estou do lado de ninguém a não ser do seu, o que é uma boa porque sem isso não conseguiria subir esta escada (HUSTON, 2008, p.123).

As ficções étnico-nacionalistas são tão fortes na vida da jovem Nouzha que ela é incapaz de conceber o outro senão em condição de adversidade, de oposição. Antes da breve amizade de ambos terminar de vez, Nouzha ensina a Randall como jogar “olho gordo” em cima de alguém (ensina também a como desviar da praga). Uma certa manhã, explode a notícia do massacre de Sabra e Shatila, na qual 19 pessoas da família de Nouzha foram assassinadas. Inconformada, a jovem lançou em Randall o olhar de "flecha envenenada" (HUSTON, 2008, p.135). Logo após explica a Randall que está deixando a escola, não sem antes dizer a ele que odeia tudo o que ele representa para ela: "A sua mãe acabou, o seu pai acabou, todos vocês são culpados e serão para sempre meus inimigos. Dezenove membros da minha família moravam em Chatila" (HUSTON, 2008, p.135).

O terrível episódio agrega em Randall a consciência do outro e a necessidade de saber-se quem é, o jovem aprende pela via mais dolorosa possível que na vida é preciso posicionar-

se em relação ao mundo. Como resposta, ao chegar em casa Randall picota Marvie, seu ursinho, sob alegação de que ele não poderia ficar para sempre em cima da cama olhando para o teto, mas que deveria sim se posicionar diante da vida. Em seguida Sadie sofre um acidente e fica tetraplégica, fato que faz com que Randall acredite ser resultado da flecha envenenada enviada por Nouzha. Nesta passagem fica a dolorida experiência de uma inocente criança diante da crueldade imposta pelos ditames políticos e sociais. Logo, compreender o tema da identidade na geração de Randall, condiciona a um problema encontrado a seguir: O sentimento de não-pertença vivido pelas personagens Sadie e Kristina.

2.3. Sadie

Se anteriormente o universo se posiciona de forma a exigir que Randall reconheça sua própria identidade largamente constituída ao longo da história da humanidade, agora o que ocorre é algo bastante destoante. Sadie é criada vendo na mãe o exemplo daquilo que ela não deveria ser: alguém sem pertencimento, sem raízes fortemente arraigadas. Desde que nasceu Sadie fora criada pelos avós maternos, desfrutando da presença da mãe em ocasiões fortuitas ao longo de seus seis anos de existência.

Desde o princípio da narração vê-se o forte sentimento de compromisso impregnado pelos avós na jovem: "— Você já fez a sua cama, Sadie? — Já, já fiz a minha cama Sadie (e por isso mereço tomar o meu café da manhã" (p.145). No contexto familiar dos avós, a pequena vive cotidianamente um universo repleto de responsabilidade e restrições. Este fato faz com que Sadie admire o estilo jovial de sua mãe e sonhe com o dia em que esta a levará para viver em outra casa.

A educação dada pela avó parece incitar quase que instintivamente Sadie a repulsar o estilo de vida que a mãe leva, ainda que a pequena continue fantasiando quanto ao modo de viver da sua jovem e bonita mãe:

A vovó se pesa todas as manhãs (depois de ter feito pipi e antes de tomar o café da manhã, segundo ela é o momento em que as pessoas pesam menos pois faz horas que não comem nada), ela me ensina um monte de coisas sobre saúde e culinária e dietas equilibradas para que eu me torne uma dona de casa impecável como ela e não como a minha mãe que mora num chiqueiro cheio de baratas e amigos em Yorkville e só faz faxina quando a bagunça ameaça submergir tudo completamente (HUSTON, 2008, p.146).

Sadie possui uma série de problemas de socialização, não se adaptando ao estudo de piano, tampouco as aulas de ginástica. A dificuldade da menina em interagir em grupos escolares ou de escoteiros não chega a ser preocupação para a família. Assim, a jovem utiliza a fantasia de que um dia morará com a mãe — e nesse dia sim, sua vida finalmente começará — como válvula de escape que a faz tolerar entediadamente cada um dos sete dias semanais.

A educação rígida da avó é um *plus* na vida de Sadie, já que esta não tolera de nenhuma maneira qualquer traço de desordem e indisciplinabilidade. Sadie discorre sobre sua sofrível rotina até o ponto em que ela finalmente logra reaproximação com a mãe, por fim, esta a convida para viver em sua casa, juntamente com seu padrasto. No contexto da história de Sadie, se queremos compreender a adulta amargurada e obstinada em questões de raízes/tradição na qual ela se transformou, antes de tudo é importante prestar a atenção no trauma aprofundado pelo período em que Sadie viveu com Kristina.

Se no começo a pequena reclamava dos cuidados extremos da avó, ao final ela entende o porquê das restrições dos avós em relação a Kristina. Na maioria dos momentos Kristina deixa Sadie livre para fazer o que bem entende, o que inicialmente soa agradável para a pequena. Ao longo do tempo a jovem percebe que a maioria das promessas de Kristina não se cumprem, o que gera um pequeno desconforto. No final da obra Sadie presencia a mãe fazendo sexo oral em um amigo de infância. Este fato, por fim, coroa o trauma da jovem em relação ao fato de a mãe ser uma pessoa desapegada. Todo o brilho de Kristina parece desaparecer diante dos olhos de Sadie, que já não mais vê na mãe a heroína de outrora.

Quando pensamos nas marcas identitárias dos principais personagens de *Marcas de Nascimento*, ou nas "ficções de si", é possível apreender em Sadie um exemplo bastante singular. A presença de uma identidade que se afirma lentamente a partir da negação do outro. O sujeito adulto Sadie constitui-se do resultado de todas experiências — boas e ruins — vividas por ela desde o princípio da sua infância. Estas experiências constituem-se em importantes variáveis no comportamento que Sadie passará a adotar em vida: a adesão ao judaísmo, a obstinação em desvendar o passado da mãe — e assim descobrir suas verdadeiras raízes —, a pouca atenção que dá ao filho, a repulsa instantânea que a liberdade de Erra lhe faz aflorar. Nesse sentido, fabular e descobrir as fábulas fundadoras torna-se quase que uma obsessão na vida de Sadie adulta, fato que condiciona ao desfecho da história de *Marcas de nascimento*.

2.4 Kristina

O passado de Kristina remonta ao período da segunda guerra mundial, tempo em que o nazismo dominava a Alemanha e avançava contra o mundo. As desavenças da pequena Kristina com a irmã constituem a mola propulsora que a direciona rumo ao seu futuro no Canadá. No quarto e último capítulo de *Marcas de nascença* o que se percebe é a personagem já habituada ao estilo de vida que leva junto com sua família, acostumada à rotina e aos limites familiares. Apesar da guerra e das dores trazidas, Kristina cresce em um lugar repleto de amor, que advém da mãe e dos avós. Seu único desafeto é Greta, sua irmã mais velha.

Greta é a irmã invejosa, aquela que sempre estará disposta a fazer algo para tirar a tranquilidade de Kristina. A disputa pelo amor da mãe e dos avós verifica-se no comentário de Kristina ao falar do avô:

O vô me ensina a cantar em harmonia para que os cânticos de Natal este ano sejam ainda mais maravilhosos do que de costume, ele diz que tenho a voz mais bonita da família e acho que ele gosta mais de mim do que da Greta por causa disso. Ele me ensinou muitas coisas, e a cabeça dele é cheia de conhecimentos pois ele foi à universidade durante a sua juventude, e o pai também. Quando eu era pequena, ele me ensinou a diferença entre a esquerda e a direita (HUSTON, 2008, p.221).

O grande conflito de Kristina é a dificuldade em compreender a realidade que a rodeia. Quando descobre da maneira mais dolorosa que a sua realidade constitui-se, na verdade, de uma grande ficção, todos os seus temores afloram. As duras palavras saem da boca da irmã, de quem ela pouco gosta.

A mãe e o pai não são seus pais. A vó e o vô não são os seus avós. Não somos a sua família de verdade. Você não saiu da barriga da mãe como o Lothar e eu. Você tem uma mãe em algum lugar mas ela nunca quis você. Você é adotada. Eu lembro muito bem do dia que trouxeram você para cá. Eu tinha quatro anos e você só tinha um ano e meio. É um segredo, eu havia prometido nunca contá-lo, mas você foi tão detestável comigo que não tive escolha. Não sou sua irmã. Não tenho nada a ver com você. Queria que você voltasse para o lugar de onde veio para eu nunca mais vê-la (HUSTON, 2008, p.228).

Assim, ao compreender que suas raízes se perdem em algum lugar da Europa, o sentimento que se presentifica é o de uma necessidade de busca pelo próprio passado, para compreender quem realmente ela é. É neste contexto de dúvida que surge o personagem Johan, jovem recém adotado por sua família. Após a morte de Lothar⁵, Johan passa a ocupar o posto de único filho homem. Apesar da afetuosa receptividade familiar, o jovem demonstra

⁵ Irmão mais velho de Kristina e Greta.

uma frieza que em princípio soa incompreensível: não fala com nenhum membro da família. Após tentar aproximar-se de Johan e obter êxito, Kristina descobre que este jovem foi roubado de sua família. A própria Kristina logra a aproximação ao lançar mão do mesmo argumento: o de que também fora adotada. A partir deste encontro surge uma bonita amizade entre ambos e, a partir daí, a maquinação de um plano de resgate de suas origens.

A história de Kristina chega ao seu desfecho durante o auge da miséria alemã, quando o país está completamente afundado pelo nazismo e dominado pelas forças opositoras. Após muito fabular sobre sua suposta família polonesa (Johan, que na verdade se chama Janek, é polonês e faz Kristina acreditar que sua ascendência também é polonesa), imaginar como seria sua verdadeira família e, por fim, renegar por completa a sua realidade germânica, a jovem finalmente descobre a verdade às vésperas de fugir de casa com o seu irmão Johan.

Kristina, que a essa altura já havia aprendido inúmeras palavras na língua polonesa, mal pode acreditar que o seu passado remonta, na verdade, à Ucrânia, país que ela nem sequer sabia que existia:

O chão foge dos meus pés e olho para o Johann em estado de choque. Ele encontra o meu olhar, os olhos cheios de confusão como que dizendo *Quem é você?* e não sei a resposta. Há meses me preparo para a reunião com a matka e o ojciec na Polônia: se eles não estavam me esperando, quem estava? Onde é e o que é a Ucrânia? O meu estômago se revira e fico com medo de começar a vomitar, como no dia em que eu estava sozinha, foi antes da entrada do Janek em minha vida, agora eu me agarro aos seus olhos e eles me dizem Aconteça o que acontecer, nós ficaremos juntos (HUSTON, 2008, p.259).

Deste ponto em diante o que fica para trás é a família alemã de Kristina e tudo o que ela entendia por vida e família. Este é o conflito identitário mais forte ao longo das quatro histórias narradas no romance, pois Kristina vê toda a sua construção cultural esvair-se, renunciada obrigatoriamente em decorrência de uma escolha política a qual ela própria não fizera. Assim, os resultados da sua confusão identitária se perpetuam em seus descendentes por via de transferência, de forma que a grande marca de nascença da personagem não seja somente corporal que herdará sua filha, seu neto e seu bisneto, mas sim a confusão de um sujeito que desenvolve o sentimento de não-pertencimento a partir da maneira mais traumática possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura crítica de *Marcas de nascença* é possível realizar algumas considerações, que nos permitem melhor compreender o plexo central que atravessa cada um dos personagens principais de cada capítulo. Em Sol, por exemplo, a identificação com a sociedade dos Estados Unidos da América é um ponto que se mostra claro na cabeça do jovem, desde muito cedo. Sol sabe exatamente quem é e onde está, o que lhe permite supor o destino preparado a partir das maiores forças que reconhece como vitais em sua vida: Deus e o presidente George W. Bush⁶. O Sentido na vida de Sol acontece de maneira completamente prematura, visto que o jovem compreende desde muito cedo a significação e a direção de seu futuro.

Já em Randall, cuja infância registra-se pelo menos dezessete anos antes da existência de Sol, o que se percebe é não-consciência da identidade que gera no jovem irreversíveis transtornos. A ausência do reconhecimento de sua própria identidade lhe custa caro no sentido de o impulsionar sem prenúncio à consciência tardia dos porquês. Esse choque causado pelo contato com a jovem Nouzha, fará explodir em Randall uma crise de violência (o esquarteramento de Marvin) e, mais tarde, se constituirá no ódio aos árabes e a todo e qualquer inimigo dos Estados Unidos da América. As marcas profundas da infância e da consciência identitária respaldam a constituição do adulto que Randall será. O Sentido de sua vida só será encontrado quando ele constituir família e vir a *ser* verdadeiramente um cidadão estadunidense.

Se em Sol encontramos a perfeita identificação com o sistema cerceante e em Randall uma percepção tardia, em Sadie o que ocorre é um processo de afirmação a partir da negação. Todo o amor e admiração de Sadie pela mãe Kristina se convertem em ressentimento e rancor, de modo que a menina passa a buscar em si o contraste: ser aquilo que a mãe não é. Na verdade, este pensamento foi semeado na cabeça de Sadie desde muito cedo, graças ao convívio com os avós. Assim, a adulta Sadie (intelectual e PhD em formação) forja-se em oposição à figura despojada, artística e alegre de Kristina. Logo, a marca da rejeição sustentam os traços mais marcantes da personalidade adulta de Sadie, de forma que o Sentido será para sempre uma busca, visto que é a curiosidade intelectual que a conduz em direção ao passado de sua mãe, à procura de descobrir suas verdadeiras raízes.

Por fim, em Kristina o que ocorre é a renúncia a toda e qualquer identidade nacional possível. A confusão que o episódio da troca de família causou na cabeça da jovem tornou-se

⁶ Nesse sentido, a religião e o estado — principais agentes ficcionais — na constituição de uma identidade nacional.

um fato intolerável, de modo que ela decidiu abandonar de vez toda e qualquer característica de pertencimento, tornando-se autêntica cidadã do mundo. Logo, o dom do canto e a esperança em uma vida nova foram as razões (e o Sentido encontrado por ela) que a fizeram seguir adiante e abandonar de vez o seu passado na Alemanha. Kristina desvinculou-se do traumático passado ao adotar um estilo de vida completamente desapegado de qualquer raiz ou traço que a fizesse recordar dos melancólicos tempos de infância. A obstinação em converter-se em estrela internacional também denota esta busca incessante de viver em harmonia e em liberdade no cosmos.

Logo, é possível afirmar que o grande mérito do romance *Marcas de nascença* não é outro senão desenvolver as quatro histórias com maestria e verossimilhança: a realidade de cada um dos personagens é emulada pelas experiências e pela forma que encontram para sobreviver em um mundo repleto de elementos que fogem completamente de seus respectivos domínios. Assim, é vital considerar que por estas quatro gerações perpassa um fio condutor: a esfera macrocômica se sobrepõe à individualidade, tornando estes indivíduos mais que humanamente possíveis: todos eles são verdadeiramente metonímicos, representando parte de uma totalidade mais ampla indissociável à essência humana e social, fato que alça *Marcas de nascença* ao reconhecido e merecido posto de um dos grandes romances da literatura ocidental escritos nos primeiros anos do século XXI.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERND, Zilá (Org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010.

_____. **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; Tomo, 2007.

_____. Relações literárias interamericanas. In: LOPES, Cícero Galeno (Org.). **Literaturas americanas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 147-160. ISBN 978-85-397-0028-8. Disponível em: <<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/edipucrs/Capa/PubEletrEbook>>.

_____. As Américas: nascimento e morte das utopias. **Letras de hoje**. Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 67-70, out./dez.2010.

BERND, Zilá; CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). **Literatura e americanidade**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

DE GRANDIS, R.; BERND, Z. (Org.). **Imprevisíveis Américas**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto; ABECAN, 1995.

FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Niterói: EDUFF; Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2010.

_____. **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

FIGUEIREDO, Eurídice; PORTO, Maria Bernadette T. V. (Org.). **Figurações da alteridade**. Niterói: EDUFF; ABECAN, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HUSTON, Nancy. **Marcas de nascença**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. **Espécie fabuladora**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Representações geográficas de identidade nacional. O caso norte americano. **Americanos**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000, p. 115-126.

REIS, Livia; FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Cadernos de Letras da UFF: diálogos interamericanos**. Niterói, n. 38, 2009. 266 p. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/>. Acesso em: 23 abr. 2014.

Data de recebimento: 29/05/2015

Data de aprovação: 10/12/2015